



Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008, 208p. CAVALCANTE, Alcilene.

Régia Agostinho da Silva
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

O livro “Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)” da historiadora Alcilene Cavalcante têm o grande mérito de trazer à tona a memória da escritora Emília Freitas, fazer com que ela se torne conhecida, senão de um grande público, visto que o público leitor no Brasil, ainda não é grande, pelo menos para aqueles interessados na história da literatura oitocentista no nosso país, sobre história das mulheres e pesquisas biográficas.

Seu livro também traz em anexo várias poesias de Emília Freitas, retiradas do livro “Canções do Lar” de 1891. Contribuindo dessa forma para o conhecimento de outros escritos de Emília além do romance “A Rainha do Ignoto” de 1899, fazendo uma pesquisa minuciosa sobre a vida da escritora, em registros de jornais, críticas literárias, teses, dissertações, monografias e pesquisa nos lugares em que Emília Freitas peregrinou juntamente com seu marido Artúrio Viera.

Ao nos aventurarmos nas páginas do livro de Alcilene Cavalcante vamos pouco a pouco acompanhado a biografia da escritora cearense Emília Freitas, abolicionista, republicana, espírita, autora do primeiro romance feito por mulher no Ceará “A Rainha do Ignoto” de 1899. Uma ilustre desconhecida para a maioria das pessoas, porque não virou cânone, não caiu nas graças da crítica literária. Era mulher escritora no século XIX, onde a literatura era espaço quase que exclusivamente masculino. Emília também escreveu um romance bastante complicado para ser entendido em sua época. “A Rainha do Ignoto” é uma história fantasmagórica, melancólica, fantástica, na qual elementos da realidade se misturam com o mundo fantasioso, de espíritos, de seres marinhos, de hipnose, de navios-fantasmas, de ilha encantada, a “Ilha do Nevoeiro”, visível apenas para a Rainha e sua “maçonaria de mulheres”, também denominadas de “as paladinas do Nevoeiro”. Ora, se para nós, ainda hoje, em pleno século XXI, depois do surrealismo, do realismo-fantástico, essa narrativa ainda é intrincada, imagine pensá-la no final do século XIX? Foi incompreendida, silenciada e por muito tempo esquecida.

Como já disse, o mérito do livro de Alcilene Cavalcante é chamar a atenção sobre a escritora Emília Freitas. Entretanto no livro de Alcilene, onde ela se propõe a usar “como guia o método indiciário de pesquisa de Carlo Ginzburg, que se inscreve na perspectiva da micro-história, e, como tal, ancora-se em pistas, sinais e traços, na perseguição dos detalhes como índices de desvelamento de traços que podem indicar como sujeito percebe o mundo, organiza seus pensamentos e idéias” (CAVALCANTE, 2008, p. 22) A autora faz o que intitula “exaustivo trabalho arqueológico” e cerca a escritora Emília Freitas de “contextos”, ou seja, Alcilene mergulha na pesquisa de fontes, jornais, e leituras bibliográficas, teses, dissertações, crítica literária, para cercar Emília Freitas de informes da temporalidade em que ela estava submersa. Não que eu defenda a idéia de uma autora sem um contexto, afinal Emília Freitas era escritora de seu tempo, viveu e respirou uma determinada atmosfera cultural do século XIX. No entanto no livro de Alcilene, essa atmosfera cultural sufoca a escritora e o que deveria ser a grande jogada do seu livro, que é tirar Emília das “margens”, acaba se perdendo na narrativa, a pergunta que ficamos ao longo do livro é: onde está Emília Freitas no meio dessas ruínas da História?

A idéia de “margens” cria também uma armadilha conceitual para Cavalcante, visto que pelo próprio título do livro “Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas”, a autora desemboca numa discussão entre centro e periferia. Afinal o que significa ser uma escritora na periferia do império em pleno século XIX e início do XX no Brasil? Momento em que a própria discussão da formação de nossa identidade nacional ainda não estava resolvida e quando também não estava claro o que de fato era centro e periferia no Brasil. Além dessa questão é óbvio que o título faz referência ao livro, hoje já clássico, de Robert Schwarcz “Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo” (1990). Ora aqui a noção de periferia é completamente outra, trata-se de um sistema econômico, o capitalismo, no qual de fato, no século XIX, o nosso país estava na periferia desse sistema, o que não mudou muito ao longo dos anos, além da terminologia, somos agora um país de “economia emergente” e que ainda está na periferia do capitalismo.

A autora percebe o problema do título, tanto que o justifica: “A designação ‘periferia do império’ - presente no título deste estudo - é inspirada no livro Um mestre na periferia do Capitalismo - Machado de Assis”, de Roberto Schwarcz (1990). Saliente-se que é adotada no sentido de limiar, de ‘estar a margem’ e não de ‘atraso’ em relação aos centros cosmopolitas. Desse modo, consiste em recurso para tentar desviar o olhar dos centros metropolitanos oitocentistas (Rio de Janeiro, Recife, Salvador) para as consideradas ‘margens’ ou ‘periferias’

(Fortaleza, Manaus, Belém) - cidades onde a escritora viveu-e, com isto, despertar a atenção para a circulação de idéias no período, difundidas também por mulheres (CAVALCATE, 2008, p. 23).

O problema da periferia pensada como um lugar de atraso, ao que imediatamente atribuímos o título, não se apaga com essa justificativa. Talvez ele seja comercialmente bom, por que retoma a memória do livro de Roberto Schwarcz, mas do ponto de vista histórico, perde muito.

Ao término do livro ficamos com a estranha sensação de que ainda sabemos pouco sobre a escritora, porque fomos bombardeados de História, de contextos, de informes e quase não acompanhamos os textos da própria Emília e dos diálogos de Cavalcante com os textos freitianos. Talvez isso se deva pela escassez de fontes mais detalhadas sobre a vida de Emília, talvez pela escolha de fazer uma biografia histórica, na qual a preocupação de narrar o “contexto” sombreou a biografada.

Por fim ao terminar de ler o livro somos atingidos pela melancolia da “Rainha do Ignoto”, personagem extremamente taciturna e desesperada que Emília Freitas criou. Cavalcante acabou sendo impreguinada por essa melancolia, como o livro se trata de uma tese de doutorado, afinal foram quatro anos debruçados sobre essa narrativa, era mesmo quase inevitável não ser atingida pela “Rainha do Ignoto”. Aqui o romance sobrepujou a autora. Emília Freitas foi biografada no mesmo tom que deu a sua Rainha. Ficamos com a impressão que Emília Freitas, nos poucos momentos em que aparece nos livros e pôde ser vislumbrada através dos escombros da História, era taciturna, triste, melancólica, como se não houvesse uma separação entre criadora e criatura. Terminamos o livro com a sensação de que alguma coisa “está fora do lugar” para usar as paráfrases que Alcilene Cavalcante tanto gosta.